

OS MANGUEZAIS DE PORTO DE SAUÍPE: UM ESTUDO ETNOGRÁFICO SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR¹

Simone Regina de Oliveira Ramalho²

INTRODUÇÃO

A relação entre segurança alimentar e condições ambientais se constitui como uma das mais profícuas teorizações contemporâneas sobre segurança alimentar e sustentabilidade. São inúmeros os vínculos, não sendo possível dar conta aqui de todos os nexos dessa relação. Nesse sentido, destacamos os mais próximos ao tema desta pesquisa, quais sejam: os manguezais de Porto de Sauípe, que se pretende um estudo etnográfico sobre a segurança alimentar. O tema da investigação aborda dimensões teóricas e empíricas referentes à segurança alimentar³, ao ambiente e à prática de acesso a alimentos em área de manguezais⁴. A complexidade deste tripé, além de impor uma abordagem que demanda conceitos em vários campos do saber, trata de uma área de conhecimento a ser delimitado.

A literatura em língua portuguesa sobre segurança alimentar, no Brasil, trata do acesso aos alimentos quase exclusivamente pela produção agrícola, deixando de evidenciar outras potencialidades naturais que o País possui, a exemplo dos mares, como apontou Castro (1983), há mais de trinta anos. Não se pode desconhecer a importância do uso da terra e as questões históricas e políticas pertinentes, mas é necessário chamar a atenção para os recursos aquáticos, em particular os manguezais, importantes provedores de alimentos, livres das políticas agrárias escravocratas. O manguezal, historicamente, se constitui numa alternativa de fixação do homem na terra, por ser um território livre e de acesso aos alimentos. Constitui-se, também, em berçário de proteínas de alto valor biológico e de acesso coletivo das populações que dele sobrevivem, configurando-se em um espaço de segurança alimentar. Diversos grupos humanos, principalmente aqueles na condição de famintos, migraram para regiões dos manguezais, fixando moradia pela certeza que, de fome, não morreriam.

Nesse horizonte, tomou-se como objeto de investigação o significado da segurança alimentar elaborado pelas marisqueiras e catadores de caranguejo nos manguezais de Porto de Sauípe, no período de março a novembro de 2001. Este estudo é relevante pela contribuição em torno do conceito da segurança alimentar, dos problemas alimentares e do meio ambiente em níveis local e global.

O principal objetivo deste trabalho foi o de compreender os significados da segurança alimentar elaborados pelas marisqueiras de Porto de Sauípe, ainda que nem sempre explícitos, mas presentes em meio à pluralidade do contexto em que foram produzidos.

Os objetivos específicos são interpretar as expressões significativas referentes à segurança alimentar observadas nos discursos da população estudada, e descrever as práticas de sobrevivência, os hábitos alimentares criados no cotidiano das marisqueiras e sua relação com a segurança alimentar.

¹O presente trabalho é parte de uma discussão maior, desenvolvida na Dissertação de Mestrado intitulada: “Os manguezais de Porto de Sauípe: um Estudo Etnográfico sobre a Segurança Alimentar”.

² Bióloga, egressa da Universidade Católica do Salvador – UCSal, Nutricionista e Professora do Colégio Estadual de Aplicação Anísio Teixeira.

³A segurança alimentar compreende o acesso permanente a todos os indivíduos, aos alimentos básicos de qualidade e em quantidades suficientes para levar uma vida digna e saudável, sem comprometer outras necessidades básicas (VALENTE, 1999b).

⁴Os manguezais são ecossistemas costeiros, de transição entre o ambiente terrestre e marinho, apresentando condições propícias para alimentação, proteção e reprodução de muitas espécies animais, considerados importantes transformadores de nutrientes em matéria orgânica e geradores de bens e serviços (SCHAEFFER-NOVELLI, 1995).

METODOLOGIA

A abordagem etnográfica foi tomada como definição metodológica para este estudo. A escolha pela Etnografia, para compreender as relações em Porto Sauípe entre segurança alimentar e o manguezal, deve-se ao fato de que tal disciplina conduz-se por um método de investigação capaz de adentrar a estrutura da vida cotidiana da comunidade, e trazer à superfície as questões mais próximas em relação ao tema, suas múltiplas determinações ocultas e manifestas. Permite, então, obter uma quantidade de dados descritivos do cotidiano que expressam interações, pessoas, ações, fatos e formas de linguagem, possibilitando estruturar o quadro figurativo da realidade estudada⁵

O estudo teve como campo empírico os manguezais da comunidade de Porto de Sauípe. É nos manguezais que as marisqueiras e outros pescadores se organizam socialmente, reproduzindo o seu modo de vida e de segurança alimentar. A escolha pela comunidade também se deve ao fato de Porto de Sauípe se caracterizar como lugar de fronteira entre um estilo de vida urbano, permanecendo zona de manguezais. Porto de Sauípe está localizado ao sul do município de Entre Rios, a aproximadamente 104km de distância de Salvador.

Foram realizadas visitas exploratórias, observações sistemáticas nos manguezais, nas unidades domésticas e na rua do Motor, onde residem as marisqueiras, além de dez entrevistas semi-estruturadas, dos registros no diário de campo e das conversas informais. Os significados sobre a segurança alimentar fornecidos pelas marisqueiras e catadores de caranguejo, foram analisados e interpretados a partir de suas ações e falas, visto que, são construções significativas. As representações sociais⁶ construídas e partilhadas no cotidiano das marisqueiras foram consideradas e apreendidas para a análise do conceito de segurança alimentar.

A narrativa do discurso dos atores revela significados e representações sobre a segurança alimentar e o manguezal, trazendo à tona diversas formas de experimentar e perceber as necessidades do cotidiano.

RESULTADOS

Ainda que o termo “segurança alimentar” seja uma expressão da gramática ética, das ciências, buscamos a apreensão do significado do que seja essa a expressão para os atores e atrizes sociais que sobrevivem do manguezal em Porto Sauípe. Eles a entendem e concebem em sua subjetividade num vocabulário próprio, como o “que é certo, o alimento que está seguro, na mão, na casa, no lugar” ou “o sustento do dia-a-dia”. Quando questionados sobre a certeza e a segurança do alimento no cotidiano, eles o relacionam com o manguezal, e expressam “o mangue é tudo”, ou seja, representa a totalidade de todas as coisas, do comer e do viver, de perceber o comido e o vivido, ou mesmo o “amigo que se pode contar sempre”. É nessa dimensão que, para eles, o mangue representa a vida e o corpo vivo. O significado da segurança alimentar elaborado pelas marisqueiras e catadores é construído a partir do sentido da garantia do acesso aos alimentos.⁷

⁵ Segundo Geertz (1974, p.17), a etnografia “[...] não se limita à questão de métodos, isto é: não são técnicas e processos que definem o empreendimento etnográfico, mas o esforço intelectual que ela representa”.

⁶ Para DÜRKHEIM (1978), primeiro autor a trabalhar o termo Representações Sociais, que também são Representações Coletivas, são as categorias de pensamento ligadas aos fatos sociais que podem expressar a realidade de uma dada sociedade. Nesses termos, ele diz que as representações “[...] traduzem a maneira como o grupo pensa nas suas relações com os objetos que o afetam[...]”. (DURKHEIM, 1978, p.79).

⁷ Relato dos informantes da pesquisa: “Eu conto mesmo é com o manguezal. Esse daí é meu salário **secreto**. Eu chamo o manguezal de **firma** porque é para sempre, não acaba, então ele é para sempre. Eu nunca trabalhei numa firma, para mim o mangue é uma firma, é meu escritório, ali é ótimo. Minha farda, está ali, estendida”[...] (Eliene).

“O mangue para mim é a **firma**, porque se eu tiver com fome vou ali no mangue tiro caranguejo como e vendo, é d’onde faço o pão de cada dia para mim e para meus fios, posso dizer que é o emprego que Deus está me dando é o mangue. E das bolsas também [artesanato]” (Francisco).

As representações sociais construídas e operadas acerca da garantia do acesso aos alimentos, partilhadas no cotidiano dessas pessoas, estão intimamente relacionadas ao manguezal – que, para elas, significa "uma firma", o local do exercício para suas atividades comerciais, de onde retiram o "salário secreto". O termo "secreto" é parte da metáfora utilizada para o trabalho no mangue ou um efeito dos sentidos de viver estigmatizado como trabalhador do mangue, lugar reservado para os mais pobres buscarem alimentos. Para eles, é melhor tornar secreta a origem de seu dinheiro, para não falar sobre seu trabalho no mangue. O próprio termo "mangue" sugere, no imaginário coletivo, "desordem", uma das acepções correntes do vocábulo, assim mesmo dicionarizado por alguns lexicógrafos. A "firma" é legitimada simbolicamente pelo uso da "farda", ou seja, uma roupa destinada ao trabalho no mangue.

Esse meio de acesso aos alimentos, o manguezal, é concebido por eles como emprego, renda, garantido por Deus, um emprego assegurado pela própria natureza, uma doação de caráter divino. Nesse sentido, a segurança alimentar não advém das políticas sociais, as quais estão ausentes naquele lugar. O alimento que vem do mangue é sagrado por uma evocação a Deus, é o "pão nosso de cada dia". Assim, de certa forma, o que fortalece e conforta a sobrevivência é a ação coletiva e cosmológica entre trabalho, gente, terra, vento, maré e lua, neste território livre ou de "Deus", como eles dizem. Ampliando esse significado, vê-se que há uma relação do termo segurança alimentar com a garantia do alimento, e uma certeza permanente, porque o "mangue não acaba".

O significado da segurança alimentar é mediatizado pelo trabalho no manguezal cujas interpretações estão voltadas para solucionar o problema da sobrevivência. Há, portanto, a construção de uma correspondência entre as dimensões macro e micro sociais a respeito da sobrevivência inerentes à condição humana. A respeito disso, uma marisqueira relata: "Eu me viro mesmo é com o marisco, é o que me sustenta. Tudo que tenho dentro de minha casa foi o mangue que deu" (Dina).

No que se refere às quantidades necessárias dos alimentos para a reprodução da vida, elas fazem relação entre o alimento e o corpo, mediatizado pelo gosto e temperos, quando dizem: "como de encher a boca", "come que poca o buxo" ou "come de ficar chata". Essas expressões revelam a sensação de saciedade, de comer com gosto, conduzindo, também, o sentido de qualidade do alimento saboroso.

Os valores culturais do corpo são fundantes de um mínimo de ordem e coesão, buscando os significados necessários e inter-relacionados à totalidade (COMAROFF, 1978). O sentido do ato alimentar demonstra uma certa coerência com as quantidades ingeridas e as necessidades do corpo – associadas aos aspectos sociais e culturais delas, o que se pode remeter ao contexto da segurança alimentar.

Estes e outros sentidos expressam uma relação concreta, direta entre a segurança alimentar e o manguezal de Porto de Sauípe. O inverso, a insegurança do alimento, é expresso na incerteza da sobrevivência não sustentável junto ao mangue. A compreensão sobre a segurança alimentar pelas marisqueiras está relacionada ao contexto específico em que vivem. Os significados estão implícitos nas diversas práticas de sobrevivência para a obtenção dos alimentos e de outros bens para a reprodução social. É no vaivém das marés que as marisqueiras criam e recriam as suas práticas de sobrevivência, combinando o trabalho no mangue às outras atividades produtivas, em espaços distintos por elas apropriados, formando assim um mosaico para definir o sustento da família, ou seja, da segurança alimentar.

As marisqueiras de Porto de Sauípe exercem suas práticas de sobrevivência na exploração dos diversos espaços, a exemplo do mar, do mangue, do rio, da mata, das roças de subsistência das unidades domésticas e cercanias, além do comércio. Neles, exercem a pesca, a mariscagem, o trabalho agrícola, coletam frutas no "mato" e fazem artesanato, configurando-se práticas de segurança alimentar. Tais práticas são combinadas numa temporalidade que, ou antecede a construção da Linha Verde, ou vem depois disto. O manguezal constitui uma das principais fontes de alimentos e de subsistência para as marisqueiras, muito embora esse ecossistema venha sendo degradado, e representa o fantasma da fome para a população estudada. A perda desse ecossistema

coloca em risco a subsistência de muitas famílias que dele dependem direta ou indiretamente. Essa ameaça se configura como uma insegurança alimentar, ou mesmo, a fome absoluta.

A falta de infra-estrutura sanitária, o crescimento do turismo desordenado e as desigualdades sócio-econômicas são fatores preponderantes para a degradação dos manguezais e da insegurança alimentar em Porto de Sauípe. Além disso, as mudanças nas estruturas sócio-econômica e cultural condicionaram a introdução de novos alimentos (refrigerantes, salgadinhos etc.) ao lado dos antigos hábitos. Todavia, a introdução desses alimentos não excluiu totalmente a tradição alimentar da população estudada. O consumo desses novos alimentos é mais acentuado nas gerações posteriores, as quais são influenciadas também pela cultura alimentar e condições socioeconômicas dos pais.

O manguezal significa a extensão da vida e do corpo para as marisqueiras, por se constituir sua principal fonte de subsistência.

CONCLUSÕES

O sentido atribuído pelas marisqueiras e demais trabalhadores dos manguezais à segurança alimentar não se distancia da dimensão teórica do termo, quando contextualizado nas condições materiais e concretas de reprodução da sobrevivência desses atores sociais. Ou seja, eles compreendem o termo associado à geração de renda, ao acesso seguro e permanente aos alimentos, em particular aos dos manguezais e, também, à permanência dos hábitos alimentares tradicionais.

Ainda que não conste do seu vocabulário, o termo “segurança alimentar” está implícito nas falas dessas pessoas, como uma necessidade da segurança para a sobrevivência. Este e outros sentidos expressam uma relação concreta, direta entre a segurança alimentar e o manguezal de Porto de Sauípe. O inverso, a insegurança do alimento, é expressado na incerteza da sobrevivência não sustentável junto ao mangue.

Nessa dimensão, o conhecimento dessa gente pode contribuir para se analisar o problema da fome, assim como dar novo sentido ao conceito da segurança alimentar. As atividades exercidas nos manguezais – em si mesmas consideradas – não solucionam o problema da fome e da insegurança alimentar, mas submete o cotidiano das marisqueiras a um menor grau de incerteza da garantia do alimento. Vale ressaltar que a gênese da insegurança alimentar em Porto de Sauípe está relacionada às diversas condições da pobreza e à degradação dos recursos naturais, em particular os manguezais.

A ausência de gestão e manejo adequado dos manguezais e de infra-estrutura sanitária, principalmente de sistemas de resíduos sólidos e de efluentes líquidos, constituem-se como fatores relevantes para a poluição e degradação desses ecossistemas. Este conjunto de fatores compromete a subsistência dessas pessoas, a saúde humana e sua segurança alimentar.

Há uma redução do estoque de mariscos, e comprometimento da qualidade físico-química, sanitária e organolépticas dos alimentos, inviabilizando, assim, o autoconsumo e a comercialização dos produtos.

É nessas ordens política, sócio-econômica, cultural e ambiental, contextualizadas nos sentidos atribuídos à segurança alimentar, que tais ecossistemas devam ser contemplados nas políticas públicas de segurança alimentar, no que diz respeito à gestão e ao manejo sustentado, para que se possa assegurar, permanentemente, a base produtiva para alimentação das gerações presentes e futuras.

A estratégia de sustentabilidade para esse ecossistema, nos debates de segurança alimentar, poderia configurar-se não como um substitutivo das reformas estruturais, mas como uma problemática a ser pensada pelos governantes.

Evidentemente, este estudo não esgota as idéias sobre o tema. Nesse sentido é de vital importância continuar buscando a compreensão dos significados da segurança alimentar, e contribuir, de alguma maneira, para que se possa assegurar o alimento para as gerações presente e futura.

REFERÊNCIAS

COMAROFF, J. Medicine and culture: some antropological perspectives. In. WRIGHT, P. and TREACHER, A. (Eds.) **Medicine: symbol and Ideology**. Edinburg:University Press, 1978. p.5-68.

CASTRO, Josué de. **Geografia da Fome**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CASTRO, Josué de. A explosão demográfica e a fome no mundo. In. CASTRO, Ana Maria (Org.). **Fome, um tema proibido: últimos escritos de Josué de Castro**. Petrópolis:Vozes, 1983, p.28-50.

CASTRO, Josué de. **Homens e Caranguejos**. São Paulo: Brasiliense, 1967.

DURKHEIM, E. As regras do método sociológico. In: **Os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Trad. Sanny Wrobel. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

SCHAEFFER-NOVELLI, Yara (Ed.). **Manguezal: Ecosistema entre a terra e o mar**. Caribbean Ecological Research. São Paulo:, 1995. 64p.

VALENTE, Flávio L. S. Segurança Alimentar. Brasília: Àgora, 1999b. Disponível em:< [http: // www agora.org..brbrasil.org.br](http://www.agora.org.br/brasil.org.br)>. Acesso em: jan. 2001 .

VANNUCCI, Marta. **Os Manguezais e Nós**. Tradução de Denise Novas-Pereira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo,1999.